

CÉSAR DOS SANTOS
1965

SEPARATA

Andam os pobres no seu fadário
fazendo empreita e tamiça
(página 319)

TERRA MORENA

ALGARVE DO SONHO E DA REALIDADE

ANDAM OS POBRES NO SEU FADÁRIO — FAZENDO EMPREITA E TAMIÇA

AGARRADA ao solo, cresce por estas soalheiras paragens a palmeira anã ou das vassouras, que respiga fendendo enrugados rochosos à beira-mar e arma seus leques bizarros por entre carrascais, moitas de espinheiros, murta e zimbros ou em chãos requeimados onde o raro elemento arbustivo, excêntrico e ressequido, parece a vegetação cinérea dos descampados batidos pelo vento abrasador do deserto. É com esta chamada palma rasteira que se entretecem os ditos artefactos mais típicos e mais conhecidos do Algarve— os trabalhos de empreita, feitos, também, inteiramente à mão e, muitas vezes, único recurso da gente pobre, desamparada.

Parece simples entretém, passatempo distractivo, isto de as mulheres carregadas de anos fazerem empreita ao sol, junto das suas casas toscas, sentadas nas cadeiras de pinho ou de castanho, com fundos de tabua colhida à beira de terras molhadas, trabalhando onde calha, enquanto esperam, na praia, o regresso dos barcos com peixe, à roda dos mercados, nos adros das igrejas, agrupadas às portas das casas onde dão esmolas ou mesmo nas açoteias e nas soleiras das portas à luz branca do luar. É, como todos os trabalhos dos pobres, tarefa que traz canseiras, requer cuidados, experiência e aplicação, apesar da sua aparente sim-

CÉSAR DOS SANTOS

plicidade, envolvida no falacioso pitoresco da labuta ao ar livre.

Têm as pobres criaturas de calcorrear ásperos caminhos para *apanhar* a palma, a qual, depois posta ao sol, a corar, tem de ser lavada. A seguir, colocam-na, acamada, dentro de uma barrica ou de uma grande alcofa, sustida, a um intervalo do rebordo, por dois paus cruzados, para não cair quando se volta o recipiente de boca para baixo em cima de uma concha com enxofre a arder. Passado algum tempo, a palma, que assim já branqueou, é aberta, ou rachada, e cortam-na, ficando as palmas umas mais compridas do que as outras e humedecidas, para se tornarem maleáveis quando trabalhadas.

Com as palmas, que levam para junto delas em alcofas ou sacos de onde vão tirando pequenos molhos, os quais colocam debaixo do braço esquerdo ou seguram entre os beijos e de onde puxam uma palma de cada vez, fazem elas empreita, longa tira de palmas entrançadas com uns tantos centímetros de largo. Unidas várias tiras de empreita pelas orlas, por meio da tamiça enfiada em grossa agulha, dão as passadeiras, os capachos, as ceiras para figo e amêndoa, que são cheias nos *fumeiros*, ou armazéns de preparo desses frutos secos; *tanhos* para quarenta ou sessenta alqueires de trigo; *golpelhas*, alcofas, chapéus, abanos e inúmeros adornos e trabalhos artísticos tipicamente regionais. Para alguns destes e também para as peças utilitárias, incluindo os capachos e passadeiras, tingem-se as palmas, as quais, intercaladas com as brancas na confecção da empreita, dão os efeitos das barras e arabescos nos contrastes de tonalidades, segundo a fantasia e a inspiração das mulheres, algumas das quais bordam, também, nas alcofas e noutros característicos artefactos de palma, desenhos em lã ou seda de várias gradações e com lantejoilas e missanga.

A palma é colorida por meio de anilinas, predominando o verde e um rosado que se carrega até o tom de romã ou o roxo de amora; e empregam, também, principalmente no Barlavento, o suco de plantas e bagas que dá o efeito das tintas vibrantes, sempre frescas. Usavam essa *tintura*, segundo preceitos tradicionais, nos lugarejos das quebradas luxuriantes de Monchique e do arrabalde verdejante de Silves. A empreita assim tingida tinha um colorido admirável, diferente e de frescura duradoura. Era qualquer coisa de um segredo no preparo da tinta, transmitido através dos

TERRA MORENA

tempos, desde épocas imemoriais, nas mesmas famílias — e fazia pensar nos prodígios dos matizes aplicados pelos artífices árabes às tapeçarias que afofavam os fulgurantes salões do fabuloso *Charadjib*, o célebre *Palácio das Varandas* na orgulhosa e magnífica *Chelb*, a Silves moirisca, onde o rei-poeta Al-Motamid viveu o romance maravilhoso da sua juventude de príncipe formoso e esbelto, amoroso e sonhador...

A empreita larga, com seis centímetros, leva sete palmas, e estas, dobradas, dão catorze ramais; a mais estreita, ou seja metade daquela, é feita com quatro palmas, dobrando-se uma delas. Destinada a ceiras, empregam-se treze palmas, seis para um lado, seis para outro e uma a reforçar a orla; a empreita para ceirões, alcofas, *tanhos* para ceireais, etc., é um entrançado também de treze palmas, passadas, contudo, de duas em duas, mas que, assim reforçada, fica mais estreita; a que é própria para os cabazes miniaturais (com frutas ou doces do Algarve) e alcofas de compras fazem-nas com cinco palmas estreitas, escolhidas, pois trata-se de trabalho apurado. Do mesmo modo, a empreita de chapéus para ambos os sexos leva três palmas de primeira qualidade e muito fina.

Faz-se uma ceira de quinze quilos, para figo, com três braças e meia de empreita. Uma mulher pode fazer seis ceiras por dia, e vendem-nas aos armazéns a vinte e quatro escudos a dúzia. A fazer destas ceiras, uma mulher desembaraçada, das mais novas, trabalhando bem — os dedos delas parece que voam com as asas da palma revolteando e entretecendo a empreita num entrançado certinho e perfeito —, trabalhando assim, e sem parança, pode ganhar os seus doze escudos diários. Uma alcofa de dezassete braças, feita em dez horas, rende de seis e quinhentos a dez escudos.

Não ganham, como se vê, as humildes criaturas, que se desunham a trabalhar, uma ucharia, e nem avonde para a existência singela, a coberto de necessidades imediatas.

Tirante aqueles adquiridos pelos almocreves que descem da serra, todos os trabalhos de empreita vão ter aos armazéns, às feiras e aos mercados e aos estabelecimentos de utilidades e artigos regionais, que o turista paga pelos melhores preços... Loulé, por exemplo, constitui centro importante do comércio dos artefactos de palma, que se avo-

CÉSAR DOS SANTOS

luma, também, noutras terras, de Vila Real de Santo António a Lagos.

As mulheres da empreita produzem ainda, em larga quantidade, a tamiça, ou baracinha, um cordão feito de duas palmas entrelaçadas, pròpriamente aparas de palma, que serve para coser a empreita ou para atados.

Vêem-se pobres velhotas, e mesmo pedintes, pelos caminhos, no rodopio dos mandados, no lento e lamurioso acompanhamento de enterros, andando e fazendo tamiça. Um molho de palmas debaixo do braço, sob o outro o rolo da baracinha, crescendo a olhos vistos, à medida que os dedos ágeis (o indicador e o anelar) retorcem as duas palmas tiradas, de quando em quando, do molhinho seguro na boca.

Cruzou-se connosco em Quatro Estradas, perto de Quarteira, uma velhinha simpática, ainda ágil, de articulações desenferrujadas, a sr.^a Maria do Pilar, que tem setenta anos e é viúva há vinte e um. Um filho, de quarenta e dois, trabalha no campo, e uma filha vive com ela. Tem a sina dos pobres: trabalhar até morrer. Por isso, a boa velhota anda num corropio por estes caminhos e, receosa, pelas estradas por onde passam velozes, endiabrados, em delirantes corridas, os *espadas* reluzentes — anda a governar a vida e sempre a fazer tamiça, ou, se calha, tecendo empreita...

Quase no outro extremo do Algarve, nas *redobradas desolações*, perto do Cabo, sentado numa pedra, a aquecer-se ao sol, à beira da estrada, para além de Vila do Bispo, um pobre de Cristo, pobre de pedir, sem eira nem beira, Jesuíno Vargas Cabrita, um serrenho, quase octogenário, também fazia tamiça quando junto dele parámos. Tinha o taleigo no chão, quase vazio, com um punhado de figos torrados no fundo.

— A tamiça — disse ele — rende aí uns tostões que mal chegam para o pão... Mas, que havia eu de fazer neste meu fadário, se em muitos dos dias que Deus deita ao mundo não vejo moeda na mão?...

Na verdade, estes trabalhos ao ar livre, no Algarve das doiradas fantasias, não é mero entretenimento, nem têm o pitoresco e a poesia que algumas almas vislumbram nos quadros de miséria ou de pobreza angustiada.